

PAULA, Luciane; STAFUZZA, Grenissa (Orgs.). *Da Análise do Discurso no Brasil à Análise do Discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas*. Uberlândia: EDUFU, 2010. 290 p.

Diana Pereira Coelho de Mesquita¹

Para aqueles que se interessam pela Análise do Discurso, vertente dos Estudos Linguísticos, a obra *Da Análise do Discurso no Brasil à Análise do Discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas* (2010), organizada pelas professoras e pesquisadoras Luciane de Paula e Grenissa Stafuzza, é um convite à reflexão sobre o percurso epistêmico e metodológico de constituição de uma Análise do Discurso do Brasil a partir da base teórico-metodológica da Análise do Discurso francesa.

É uma obra singular no campo das discussões sobre a emergência de uma Análise do Discurso do Brasil e tem como referencial um conjunto de nove ensaios críticos escritos por professores pesquisadores da área, pertencentes a diversas instituições de ensino superior situadas no país. Além destes, a obra apresenta também o texto de Patrick Charaudeau, escrito originalmente em francês e traduzido para o português por Grenissa Stafuzza.

O intuito do trabalho é analisar a constituição de uma Análise do Discurso (AD) brasileira, tendo em vista que, conforme as organizadoras, a AD do B ãdialoga com a AD francesa (sua fundadora), mas já possui uma identidade teórico-analítica e, por isso, também se distingue do método francês, ainda que utilize os teóricos franceses como suporte das pesquisasö (PAULA; STAFUZZA, 2010, p. 11).

A sequência organizacional é bastante didática. Os ensaios priorizam os diálogos da AD francesa instituída no Brasil, sua produção e os rumos que conduzem à instauração de uma AD do Brasil (AD do B).

Com o objetivo de discutir sobre as contribuições do Estruturalismo (1916/1966) para o desenvolvimento de uma Análise do Discurso no/do Brasil, Emília Mendes centra suas reflexões na hipótese de que foi a partir das concepções estruturalistas que a Análise do Discurso no Brasil ganhou força e se transformou em maneiras de se pensar o discurso, respeitando-se as idiosincrasias de nosso país. Ela explica que a hipótese pode ser verificada analisando-se a trajetória do pensamento sobre a linguagem e o discurso iniciada por F. de

¹ Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia, Brasil. dianamesquita@msn.com

Saussure (1910), seguida por R. Barthes e O. Ducrot, e culminando nos preceitos teóricos que compõem a Teoria Semiológica (TS) de P. Charaudeau. Analisando-se essa trajetória, defende que o maior legado do Estruturalismo para a AD foi o apuro metodológico e o desenvolvimento de uma concepção social do discurso, além do reconhecimento de que este medeia todas as relações humanas.

Marlene Teixeira e Valdir do Nascimento Flores apresentam ao leitor a proposta de um diálogo entre a Análise do Discurso (AD) e as teorias da enunciação. Conforme os autores, os estudos enunciativos propiciaram passar-se da análise imanente à análise de aspectos mais amplos da produção do discurso. Nesse sentido, eles reconhecem a contribuição de Émile Benveniste para o constructo da AD, principalmente, por este ter incluído o sujeito nos estudos da linguagem. O leitor é enredado na discussão sobre a interpretação dos estudos enunciativos feita no terreno dos estudos discursivos propostos por Michel Pêcheux. O objetivo é mostrar que a teoria da enunciação de Benveniste não é fechada, ao contrário, para além da análise intralinguística, ela se abre a outros domínios.

Sírio Possenti e Fernanda Mussalim apresentam o quadro teórico-metodológico proposto por Dominique Maingueneau, na obra *Gênese dos discursos*, e discutem conceitos teóricos propostos pelo autor, reforçando-se a contribuição do teórico para a AD. Eles elencam as sete hipóteses de Maingueneau para se abordar o fenômeno discursivo a partir do pressuposto da existência de uma semântica global e discutem os conceitos de cena enunciativa (cena englobante, cena genérica e cenografia), discursos constituintes, autor, interlíngua, unidades de análise, destacabilidade; sobreasseveração, universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo.

Gilberto de Castro traz uma discussão sobre as contribuições do filósofo da linguagem, Mikhail Bakhtin para a constituição da Análise do Discurso francesa. A partir de uma breve explicitação sobre as semelhanças entre dois grandes eixos do pensamento o Análise do Discurso e Círculo de Bakhtin - o autor mostra que a principal delas é o desejo de compreender as singularidades que *desenvolvemos para a produção e a captação dos sentidos.* (CASTRO, 2010, p. 91, destaques do autor).

Castro explica que o Círculo de Bakhtin reconhece que o discurso agrega história, sujeito e linguagem, sendo esta última a que ocupa papel central nas reflexões epistemológicas do grupo. Ele também apresenta o conceito de Carnalização como um ponto de encontro entre Michel Pêcheux e as ideias do Círculo. As formas do riso popular da

Idade Média e do Renascimento inspiraram, segundo Castro, a obra de François Rabelais e esta vai suscitar reflexões em Pêcheux sobre as relações de poder no interior da sociedade. Além disso, o ensaísta explicita algumas possibilidades de leitura da obra do Círculo que, de certa forma, cercam os analistas de discurso de linha francesa: o conceito de signo ideológico; o discurso citado, ou seja, a presença inevitável em nós da palavra do outro; a formação do sujeito; e a ideologia.

É a relação teórico-epistemológica entre Pêcheux, Bakhtin e Foucault que constitui o centro da reflexão de João Bôsco Cabral dos Santos. O autor, a partir de uma postura voltada para as discursividades imanentes desta relação, observando os pontos de encontro entre os referidos teóricos, apresenta sua leitura sobre os princípios constitutivos da rede conceitual da AD francesa e da AD do Brasil. A respeito das contribuições de Michel Pêcheux, ele destaca: a questão da luta de classes enquanto constitutiva das práticas sociais entre sujeitos; o tornar-se sujeito a partir de uma tomada de posição, pela via da interpelação; o conceito de discurso como efeito de sentido entre interlocutores; o princípio da contradição; a concepção de memória tomada como historicidade convertida em discursividade, subjacente a uma dada enunciação; o sujeito discursivo; e a instância-sujeito (forma-sujeito, lugar social determinado, lugar discursivo).

Quanto a Michel Foucault, como principal contribuição, ele destaca a compreensão do discurso como historicidade de manifestação do sujeito na sociedade e a concepção de sujeito como posição histórica. Para Foucault a memória é um legado de saberes que compõe o devir da História pela ação de posições-sujeito no exercício de seus micropoderes. O discurso é compreendido, então, como um conjunto de enunciados historicamente marcado pela instauração de saberes que se traduzem em poderes.

No que concerne a Bakhtin, Santos destaca: as concepções de indivíduo como célula de ação política na composição social; a ideia de ideologia como força motriz controladora do funcionamento da sociedade; as concepções de signo ideológico; dialogismo como aspecto fundador para se pensar a interpelação funcionando pelo crivo da interdiscursividade; polifonia; auditório social; e processos de carnavalização.

Em seu ensaio, Dylia Lysardo-Dias discorre sobre as contribuições da Teoria Semiolinguística (TS) de Charaudeau para o desenvolvimento da Análise do Discurso (AD) no Brasil. Para isso, apresenta uma reflexão sobre o referencial teórico-metodológico da TS, sem perder de vista que a mesma centra-se na atividade de linguagem como uma õrealização

de caráter sociocomunicativo, fruto da articulação entre o propriamente linguístico e o circunstancial (LYSARDO-DIAS, 2010, p. 162).

Segundo a autora, a Teoria Semi linguística é uma abordagem que questiona as práticas de linguagem pelo viés de sua configuração comunicativa e que aborda o jogo interlocutivo, levando em conta sua ancoragem histórica e social. Ela surge como um modo de pensar a linguagem como forma de ação sociointerlocutiva e revela o comprometimento ético e político de considerar a vivência das relações sociais em diferentes contextos da sociedade. Os fatos em si são contemplados, mas também suas condições de emergência.

Marco Antonio Villarta-Neder, por sua vez, discute como alguns murmúrios sobre as tendências em Análise do Discurso se constituem nos silêncios da fronteira entre AD francesa e AD do B. Para tanto, ressalta a heterogeneidade que marca as maneiras de se fazer Análise do Discurso no Brasil e as diferenças que, muitas vezes, são manifestadas por silenciosas discordâncias teórico-epistemológicas, às vezes por confrontos e transgressões, mas também por diálogos com outras teorias. Conforme o autor, o campo da AD do B é caracterizado por uma epistemologia intervalar (VILLARTA-NEDER, 2010, p. 195) e por trabalhar com objetos pouco estudados pela AD francesa, empreendendo uma reformulação de conceitos basilares da mesma. Portanto, entre a AD do B e a AD francesa há um espaço de tensão, que é positivo, no sentido de que se complementam, se embatem, dialogam, se ressignificam.

Ida Lúcia Machado se detém à discussão da Análise do Discurso como uma disciplina que toma o discurso como objeto de estudos. Segundo a autora, o discurso é caracterizado pela polifonia (grande número de vozes ou de sons), ou seja, há uma pluralidade de vozes que dialogam em seu interior. Nesse sentido, a palavra do(s) outro(s) é exterior ao sujeito enunciativo e se amalgama à sua palavra ou à sua voz. O discurso é, portanto, semeado ou percorrido por diferentes vozes que fariam simultaneamente, sem que nenhuma delas fosse preponderante e julgasse as outras (MACHADO, 2010, p. 208). A teoria das múltiplas vozes, conforme a autora, deitou por terra a concepção de sujeito uno, dono de seus dizeres e de suas escrituras. Ida explica que, ao assumirmos diferentes papéis ao longo de nossa vida, modulamos nossos discursos em função dos nossos interlocutores.

A autora explica que a Análise do Discurso privilegia o sujeito do discurso enquanto sujeito social, e também o implícito e o explícito da linguagem. Entretanto, reconhece que, ao chegar ao Brasil, esta vertente teórica dos Estudos Linguísticos sofreu uma aclimação, uma ressignificação, a partir das condições de produção brasileiras.

A obra finaliza-se com o nono ensaio, de Patrick Charaudeau, autor tantas vezes citado pelos professores pesquisadores nos capítulos anteriores ao tratarem da Teoria Semiolinguística. É um texto esclarecedor para os leitores e pesquisadores das diversas linhas dentro da Linguística, sobretudo, da Análise do Discurso, e traz discussões teóricas sobre o modelo sociocomunicacional do discurso.

Charaudeau concentra-se no problema da relação entre o ato de linguagem e sua exterioridade e instaura uma problemática a partir de três parâmetros: (i) a natureza do *objeto de estudo* ó este é empírico, determinado a partir da observação de determinadas variáveis (a *identidade* dos parceiros de troca comunicativa, a *finalidade* do ato e as *circunstâncias materiais* da comunicação) -; o *sujeito do discurso* ó que se define por sua identidade psicológica e social, por um comportamento que é finalizado e pelas coerções que lhe são impostas quando se insere numa troca -; e o tipo de *corpus* que é preciso construir para proceder à análise ó este geralmente é constituído de textos que são agrupados em função de seu pertencimento a um dado tipo de situação comunicativa.

Além disso, o autor também propõe um modelo que distingue *três espaços de pertencimento* de construção do sentido: o espaço de produção em que o sujeito se encontra ao produzir o ato comunicativo; o espaço de interpretação em que se encontra o sujeito interpretante; e o espaço de construção do texto onde o texto é construído a partir de dados impostos pelo espaço de produção.

O autor discute, ainda, sobre a *situação global de comunicação* (o lugar onde os atores sociais ocupam a posição de *instâncias de comunicação*) e a *situação específica de comunicação* (compreendida como o lugar de estruturação do domínio de prática onde são determinadas as condições físicas da situação de linguagem).

Apesar da obra, de forma geral, oferecer uma excelente contribuição para o campo dos estudos discursivos, permitindo-nos observar que o percurso teórico-metodológico da AD no Brasil difere-se do percurso da AD francesa, por isso a necessidade de se pensar a constituição e reconhecimento de uma AD do Brasil, observa-se um silenciamento do nome de alguns grandes pesquisadores desta área, especialmente, de Eni Orlandi (UNICAMP), considerada como a introdutora da Análise do Discurso no Brasil. Quando se dá a passagem da AD no Brasil para a AD do Brasil, espera-se que o nome desta professora e pesquisadora seja mencionado, haja vista sua obra não se limitar à aplicação de conceitos, e a autora já ter produzido um trabalho de fôlego autoral. O mesmo aplica-se aos participantes de seu grupo.

Entendemos que esta autora consta dos dois momentos da história da AD ó no Brasil e do Brasil, daí sua importância e a necessidade de ser sempre referenciada ao se tratar dessa temática.

À parte esta crítica, o livro, por meio de uma linguagem clara, acessível e precisa, dá voz a grandes pesquisadores da Análise do Discurso no Brasil para que os mesmos apresentem seus pareceres sobre as divergências, similitudes, pontos de encontro e desencontro entre a AD e a AD do Brasil. Como um todo, o livro não determina ou afirma categoricamente que há uma AD do B, apenas problematiza a questão de se produzir no país uma AD que possui um arcabouço teórico-analítico que, apesar de balizar-se no constructo teórico da AD francesa, é próprio do Brasil. Além disso, pela forma como o assunto é abordado e conduzido, sem imposições teóricas e filiações epistemológicas categóricas, a obra permite ao leitor construir progressivamente sua leitura sobre a pertinência de uma AD do B.